

## *A Análise Textual de um Texto Multimodal*

Vera Lucia Carvalho Grade Selvatici

PUC – Rio de Janeiro

O objetivo deste trabalho é analisar a organização temática de um artigo onde vários modos semióticos são utilizados, ou seja, um texto Multimodal (Kress & Van Leeuwen, 1996), sob a perspectiva da Gramática Sistêmico-Funcional (Halliday, 1994), no que concerne à Função Textual da Linguagem. Procura-se demonstrar, ainda, de que maneira essa organização textual projeta os significados do texto e reflete as intenções do autor, dentro do seu contexto cultural. Aplicações pedagógicas são sugeridas.

Palavras-chave: *Função Textual, Tema, Texto Multimodal*

### **INTRODUÇÃO**

A noção de *letramento* tem sofrido modificações a partir da crescente preocupação com o visual e outras formas de linguagem presentes na comunicação. Se até pouco tempo atrás significava saber ler e escrever, hoje essa noção procura incluir a habilidade de lidar com a multiplicidade e integração de todos os modos de fazer sentido que acompanham as mudanças no mundo. Foi a partir da preocupação com essas mudanças aceleradas no mundo que o Grupo New London (Cope & Kalantzis, 2000) propôs a idéia de *multiletramento*.

Na verdade, segundo Kress & Van Leeuwen (1996), mesmo um texto verbal tem outros modos de comunicação co-presentes que contribuem para o seu significado. Textos são, portanto, *multimodais*, ou seja, um conjunto de múltiplas formas de representação ou códigos semióticos que, através de meios próprios e independentes, realizam sistemas de significados.

Utilizando conceitos da Lingüística Sistêmico-Funcional (Halliday, 1994), Kress & Van Leeuwen afirmam que, como a linguagem verbal, todos os modos semióticos realizam três grandes funções simultaneamente: a primeira *ideacional*, ao representar o que está a nossa volta ou dentro de nós; a segunda *interpessoal*, realizando interações sociais; a terceira *textual*, “revelando a composição do todo, a maneira como os elementos interativos

e representacionais se relacionam e como eles se integram para construir o significado” (1996:181).

Desse modo, qualquer texto que combine vários modos semióticos pode ser visto também como uma instanciação do sistema semiótico e reflete as escolhas feitas pelo seu autor, dentro do contexto onde é produzido (Halliday & Hasan, 1989).

Meu objetivo, neste trabalho é, tendo como base a Gramática Sistêmico-Funcional (Halliday, 1994), analisar um *texto multimodal*, com foco no seu significado textual, ou seja, de que maneira a mensagem é organizada através de sua *estrutura temática* e composição. Ao fazer esta análise, procuro responder a duas questões que surgem na leitura de um *texto multimodal*: (1) como a informação é transmitida em cada modo semiótico, verbal ou visual, e (2) de que maneira essa organização textual projeta os significados do texto e reflete as intenções do autor e do contexto de cultura no qual ele está inserido.

Na primeira parte do estudo, faço uma breve revisão da Metafunção Textual, como proposta por Halliday (1994) e da aplicação desta teoria para a análise de textos multimodais segundo Kress & Van Leeuwen (1996). Em seguida, apresento a Metodologia e análise dos quatro textos que compõem o texto multimodal escolhido. Numa última parte ou Conclusão, procuro analisar a composição como um todo dentro do contexto cultural atual e as possíveis aplicações pedagógicas que uma análise desse tipo pode gerar.

## **A ORAÇÃO COMO MENSAGEM: ESTRUTURA TEMÁTICA**

Ao descrever a *função textual* da linguagem, Halliday (1994) a concebe como aquela que organiza a mensagem, ou como a linguagem é usada para transmitir a mensagem. As escolhas são feitas para evidenciar, priorizar, esconder ou ligar partes da mensagem e estas escolhas podem gerar significados diferentes. A organização pode variar dependendo do papel da linguagem no contexto de produção do texto, oral ou escrito. (Ravelli, 2000:51).

Para Halliday a oração é organizada através do “status especial atribuído a uma de suas partes” (Halliday, 1994:37), ou seja, o *Tema*. Em inglês, normalmente ele é o primeiro elemento na oração e serve como ponto de partida da mensagem. A segunda parte da oração é o *Rema*, ou onde o *Tema* é desenvolvido.

Para a identificação do *Tema*, é importante saber reconhecer também os elementos que compõem os *processos* na *função representacional* ou *ideacional* da língua, através do sistema de *Transitividade*. O *Tema* de uma oração pode ser um *participante*, um *processo* ou uma *circunstância*, contanto que este esteja em primeira posição na oração. O *Tema* contém sempre somente um desses elementos experienciais (ou ideacionais), assim, ele termina onde esse elemento termina. O elemento experiencial é chamado *Tema Topical* (*Topic Theme*) e pode vir precedido de outros elementos sem função de participante, processo ou circunstância, o que caracteriza o *Tema Múltiplo*. Em outras palavras, o *Tema* se estende do início da oração até (e incluindo) o primeiro elemento que tem uma função em transitividade (Halliday, 1994:53).

Os outros elementos presentes no *Tema* podem ter função *textual* ou *interpessoal*, como “Por outro lado” e “Talvez”, respectivamente, nas orações a seguir, onde “ele” é o *tema topical*:

**Por outro lado, ele** / defendeu muito bem a idéia.

**Talvez, ele** / venha amanhã.

*Temas* podem ser *marcados* ou *não marcados* em função do elemento escolhido a ser tematizado. *Temas não marcados* constituem a escolha mais típica em orações declarativas em inglês e acontecem quando o *sujeito* e o *Tema* são o mesmo elemento: “**Nós** sempre saímos à noite”. Em orações interrogativas de polaridade *sim/não*, ele é formado pelo operador verbal finito seguido do sujeito: “**Do you** like monkeys?”; ou pelo elemento *Wh* em interrogativas que pedem informação: “**Who** do you like best?”. Em orações imperativas, o *Tema* é o próprio verbo: “**Bring** the best wine!”.

Quando outros elementos diferentes do sujeito são colocados em posição inicial na oração, ou tematizados, constituem *Temas marcados* e sinalizam que o autor quis criar um significado diferente ou dar importância ao elemento tematizado. A escolha mais comum é o uso das circunstâncias como *Tema*, através de advérbios e sintagmas preposicionais: “**On Saturday night**, I lost my wife” (Halliday, 1994:44), mas pode envolver outros participantes da oração.

A organização temática, segundo Halliday, não se limita à estrutura da oração, mas também se verifica na organização de parágrafos. O *Tema* é a oração tópica do parágrafo (p.54) ou da oração complexa, ou seja, o que o autor escolheu para iniciar a mensagem:

<i>'If you don't like that teapot, /</i>	<i>give it away'.</i>
Tema	Rema

Da mesma forma, no texto, o primeiro parágrafo introduz o significado principal do que vem a seguir e constitui, assim, o *Tema* ou ponto de partida.

Há divergências entre estudiosos quanto à definição de *Tema* como “ponto de partida” e “sobre o que é a oração”. Estas duas idéias são vistas com significados diferentes por alguns autores e a segunda é normalmente associada à noção de Tópico. Fries sugere que o *Tema* fornece “uma moldura para a interpretação da oração (...) e orienta o ouvinte/leitor para o que vai ser comunicado” (1997:232). O autor afirma ainda que, “através da escolha cuidadosa da informação temática, autores podem manipular a atenção dos leitores” (1995:65). Gómez-Gonzalez (2001, *apud* Hawad, 2002:50) define *Tema* como aquele que estabelece o ângulo do falante sobre a experiência sendo construída.

Há divergências também quanto à identificação do *Tema* na oração. Halliday, como já dito, o vê como o primeiro elemento na oração com alguma função experiencial. Berry, em análise de composições infantis, preferiu considerar *Tema* tudo o que precede o verbo da oração principal (1989:71). Hasan & Fries (1997) apontam, entre outras, para a dificuldade de se considerar somente o primeiro elemento com função experiencial em casos onde há mais de um *tema topical marcado*: “***Ontem, na loja***, eu vi grandes promoções”.

No caso de outras línguas, a aplicação da noção de *Tema/Rema* deve ser adaptada, como mostram Gouveia & Barbara (2000) num estudo sobre *temas marcados e não marcados* em português. Levando em conta que nesta língua a elipse do *sujeito* é freqüente pelo fato de este aparecer na terminação verbal, os autores sugerem que esta elipse não constitua *tema marcado*, mesmo que o verbo seja o primeiro elemento na oração. Baseando-se nesta idéia de que o *Tema* pode não estar presente na oração, os autores propõem, ainda, uma redefinição de *Tema*, retomando o conceito descrito por Halliday (1994:31) de *Tema* como *sujeito psicológico*, ou seja, aquilo que o falante tem em mente ao produzir a oração.

## ESTRUTURA TEMÁTICA E O TEXTO MULTIMODAL

Como afirmado anteriormente, Kress & Van Leeuwen (1996) apropriam-se dos conceitos da Lingüística Sistemico-Funcional, para caracterizar as funções que os diferentes modos semióticos realizam. Aplicando estes conceitos a um *texto multimodal*, os autores afirmam que a composição (*função textual*) relaciona significados ideacionais e interpessoais através de três sistemas: (1) *valor informativo*, (2) *saliência* e (3) *enquadramento*.

O primeiro está ligado ao posicionamento dos elementos e ao valor atribuídos às “zonas” da imagem: esquerda e direita, centro e margem, alto e baixo. Quanto à *saliência*, os elementos são “feitos para atrair o expectador em relação à sua colocação na frente ou fundo, tamanho, cor, nitidez, etc.” (Kress & Van Leeuwen, 1996:183). O *enquadramento*, por sua vez, categoriza de que maneira os elementos são conectados ou não, para formar o todo.

Ao explicar que esses três tipos de composição aplicam-se não somente a imagens, mas também a textos multimodais, Kress & Van Leeuwen buscam “olhar uma página inteira como um texto integrado (...) tentando derrubar as fronteiras disciplinares entre o estudo da língua e o estudo das imagens” (1996:183).

Para a análise que fazemos do texto multimodal como composição, tomamos a noção de *valor informativo esquerda e direita* como análogos à idéia de *Tema/Rema* como descritos por Halliday para explicar o posicionamento dos elementos na oração, apesar de sabermos que Kress & Van Leeuwen utilizam os conceitos *dado/novo* para analisar esse posicionamento. Halliday afirma que, apesar de uma relação semântica próxima entre estrutura informacional (*dado/novo*) e temática (*Tema/Rema*), elas não são a mesma coisa. “O *Tema* é o que eu, o falante, escolho como ponto de partida. O *dado* é o que o ouvinte já sabe” (1994:299). Mas o próprio autor reconhece que ambos são selecionados pelo falante/produtor do texto. É ele quem escolhe ambas as estruturas de maneira a criar a expectativa que ele deseja. Além disso, a própria Gramática Sistemico-Funcional estabelece uma relação entre *Tema/Rema* e *Dado/Novo* pela tendência da informação dada ser normalmente posicionada no início e a informação nova, no final da oração (Fries, 1997:230).

Assim, como veremos na análise da composição verbal/visual do ponto de vista de como a mensagem é estruturada, a analogia pode ser feita, tendo por base o que o autor escolheu como ponto de partida para a composição.

## **METODOLOGIA E ANÁLISE DO TEXTO**

O texto escolhido para análise neste trabalho foi publicado na Revista *Veja*, edição de 28 de setembro de 2005, p. 92-93 (Anexo 1).

Numa rápida análise de sua Configuração Contextual (Halliday & Hasan, 1989), temos uma reportagem impressa, do gênero jornalístico, sobre a possível retomada do programa espacial pelo governo americano. A interação acontece entre autor e leitor de uma revista de grande circulação, onde vários outros gêneros aparecem. O leitor em potencial é aquele interessado nos últimos acontecimentos no cenário nacional e internacional e que busca informação rápida, já que a revista é publicada semanalmente e cobre grande parte dos assuntos de interesse popular. O texto é constituído de quatro textos independentes: dois verbais, um verbal acompanhado de fotografia e um *infográfico*<sup>1</sup>, onde visual e verbal se combinam para mostrar as etapas de uma possível viagem à Lua.

### **A estrutura temática dos textos**

Segundo Halliday, a organização temática das orações é o fator mais significativo no desenvolvimento do texto (1994:67).

Assim, a análise dos Temas em um texto requer não somente um olhar sobre as orações individualmente, mas de que maneira o desenvolvimento ou “fluxo temático” (Brown & Yule, 1983) leva ao significado pretendido pelo autor e de que maneira a mudança de Temas indica mudança na mensagem. Butt et al afirmam que, através da análise dos padrões cumulativos e sequenciais de Temas, podemos descobrir (1) até que ponto as mensagens são adequadas ao propósito ou tópico principal, (2) se o texto tem um *design* transparente e (3) se o autor antecipa o que o leitor espera saber (1995:102).

---

<sup>1</sup> *Infográfico* é um gráfico informativo, utilizado em jornais e revistas para ilustrar, sintetizar ou esquematizar visualmente as informações de um texto jornalístico. É um recurso de edição com forte atração visual, combinando fotografia, desenho e texto. O que uma foto ou texto não consegue explicar, geralmente, consegue ser explicado por um infográfico.

Da mesma forma, a análise da estrutura temática interage com as outras dimensões de significado, uma vez que elas são simultâneas e, assim, o texto é o produto de escolhas que envolvem representação (*Transitividade*), interação (*Modo*) e mensagem (*Tema*). No presente estudo, embora o foco seja verificar como o autor priorizou a informação, ou como a tematização nas orações individuais contribui para o significado total do texto, algumas observações serão feitas sobre as escolhas lexicais, bem como sobre os tipos de processos utilizados em cada texto que porventura venham contribuir para esse significado.

*Texto 1:*

O primeiro texto, à esquerda, pode ser dividido em quatro tópicos, onde o autor: (1) relata o desejo, por parte do governo americano, de reiniciar a nova etapa do programa espacial e explica em que este consiste, (2) faz um resumo histórico da primeira fase do programa e sua receptividade nos Estados Unidos e discute as (3) reações contrárias e (4) favoráveis ao novo plano no contexto atual.

Há um tom de perplexidade logo nos primeiros Temas que compõem o subtítulo (*EUA; A pergunta; Para que?*), mas esse tom só é retomado mais tarde no texto.

No primeiro parágrafo, o desenvolvimento de Temas introduz, de maneira bem linear, o que é a nova etapa do programa espacial. Quase todas as orações têm Temas Topicais *não marcados*: “*Os Estados Unidos*”; “*Ele*” (*o programa espacial*); “*O objetivo das futuras missões*”; “*Além disso, a nave a ser construída para as viagens*”. Somente na última sentença do parágrafo, com tema marcado por duas circunstâncias que precedem o sujeito (*No início do ano passado, em campanha pela reeleição*), aparece a intenção do autor em ressaltar que o anúncio do Presidente Bush não é recente. Neste parágrafo há uma mescla de processos verbais (*anunciaram; já anunciara*), materiais (*a ser construída; explorar; levar; substituir*), mentais (*prevê; considera*) e relacionais (*é*). Essa variedade nos processos, aliada ao pouco uso de temas textuais, reflete a densidade de informação do parágrafo, mais característica de textos escritos.

O segundo parágrafo é o mais característico de narrativas e a escolha de Temas e itens lexicais sinalizam a intenção do autor em voltar ao passado, para retratar o ambiente receptivo da primeira fase do programa espacial, em função de um momento político diferente. Há Temas *marcados* por circunstâncias (*Em 1961; Oito anos depois*) e vários

Temas *não marcados* referentes à figura do Presidente Kennedy e ao que ele representava então (*um outro presidente, O discurso de Kennedy, A oratória do presidente, um general*). O ambiente de quarenta anos atrás é reforçado através de processos verbais e mentais tornados materiais (*John Kennedy foi aos microfones; O discurso de Kennedy tocou fundo no brio dos americanos*), e do tom solene dado pelas escolhas lexicais em “*nobreza das palavras de um general que conclama seus soldados em nome da pátria*”. Há neste parágrafo dois exemplos de Temas típicos do português, como descritos por Gouveia e Barbara (2000), onde (1) a flexão verbal abriga o sujeito em “*Acredito*” (não marcado) e (2) o pronome “*se*” deixa o sujeito indeterminado em “*Viviam-se os anos...*” (marcado).

No terceiro parágrafo, a variação temática reflete o número de opiniões contrárias listadas pelo autor ao projeto americano nos dias atuais. Na maior parte os Temas são não marcados (*A reação; Para que; Os robôs; os críticos; Há quem; Além do mais, a Nasa*). O Tema circunstancial da oração inicial determina o tempo “*agora*” e a citação contendo Tema *marcado* (*Com os recursos tecnológicos de que dispomos*) funciona, por sua vez como Tema para “*disse a Veja*”. A estratégia de tematizar o discurso direto dá testemunho e validade às opiniões. Escolhas lexicais como “*loucura*”; “*se espantam*”; “*custo do projeto*”; “*estourar orçamentos*” reforçam o efeito negativo pretendido.

O último parágrafo do texto é iniciado por “*Há defensores*”, Tema não marcado, segundo Gouveia e Barbara, para listar opiniões favoráveis à retomada do programa espacial. Como no parágrafo anterior, apesar de vários outros Temas não marcados (*que alegam* (defensores); *a construção de uma base terráquea na Lua; precisamos (nós); A presença do ser humano; o histórico das espécies na Terra; a terra*), o autor faz uso de duas citações na posição de Tema (“*Precisamos....sua extinção*”, *disse a Veja*; “*A presença...catástrofe natural*”, *ele completa*) enfatizando as opiniões.

A voz do autor reaparece nas duas últimas orações, reforçando a atitude tomada no subtítulo, uma delas com Tema Múltiplo textual, interpessoal e topical: “*Seja como for, dificilmente as próximas missões tripuladas*”. Suas escolhas lexicais através de elementos modalizadores “*dificilmente*” e “*ninguém parece ligar*”, além de “*paisagens poeirentas e estéreis*”, retratam sua posição em relação à popularidade do projeto nos dias de hoje e, de certa forma, explicam a composição do texto nas duas páginas, como veremos na análise da estrutura temática/informacional da composição gráfica.

*Texto 2:*

O segundo texto (*infográfico*) descreve, através de desenhos e legendas, as cinco etapas de uma ida à Lua. Apesar de tratar de assunto de base científica, a linguagem simples utilizada é voltada para o leitor leigo, não cientificamente informado. Segundo Moraes, este é o objetivo dos infográficos, ou seja, “apresentar de maneira clara, informações complexas o bastante para serem transmitidas apenas por texto” (1998:111). A combinação imagem/palavra visa à objetividade e, diferentemente da fotografia ou ilustração em jornalismo, o infográfico é auto-explicativo. Para que isso aconteça, há mais trabalho de pesquisa na sua produção.

Outra diferença entre ilustrações e infográficos, mencionada por Moraes, é o fato de que, em ilustrações, o autor se “faz mais presente, seja na interpretação que faz do assunto, seja no estilo” (1998:119). Como o foco do infográfico está na informação, a presença do autor não é tão evidente.

No entanto, se observarmos como este segundo texto foi inserido na composição verbal/visual do artigo, é possível perceber o autor e *designer*<sup>2</sup> trabalhando juntos no planejamento visual da página, de modo a constituir um conjunto comunicativo eficiente e atraente, ou uma combinação de infográfico e ilustração.

Este texto é, de fato, a base, ou pano de fundo para os outros, pois retrata o espaço sob a perspectiva da superfície lunar, de maneira que os outros textos pareçam soltos no espaço. Como o objetivo é mostrar a nova tecnologia a ser utilizada, os astronautas estão em segundo plano, no papel de coadjuvantes do processo. Em primeiro plano aparecem o foguete, a cápsula e o módulo de pouso já na Lua.

No texto verbal do infográfico, diferentemente do primeiro texto, onde o desenvolvimento temático variou em quatro mudanças de tópico, o tema do título “*Como*” já prediz e antecipa que as cinco legendas terão uma série de processos materiais que significam uma seqüência de operações: “*leva*”, “*se acoplam*”, “*seguem*”, “*chegam*”, “*permanece*”, “*acionam*”, “*mergulha*”, “*é desacelerada*”, “*amortecem*”. A seqüência de eventos é tematizada através de circunstâncias: “*Dias depois*”, “*Em órbita da Terra*”, “*Três dias depois*”, “*Para a volta*”, “*Na etapa final de chegada*” e, como recurso

---

<sup>2</sup> O nome do *designer* gráfico não é incluído no artigo, porém.

complementar, o efeito de movimento no infográfico é obtido por meio de dois *vetores*<sup>3</sup> acompanhando as etapas e simulando o movimento de ida e volta.

O fato de priorizar a informação visual neste texto pode ser avaliado como estratégia do autor para atrair o leitor para o que ele considerou de possível interesse (a tecnologia atual) já que ele próprio não acredita que a Lua atraia atenção atualmente.

*Texto 3:*

No terceiro texto, o autor retoma o assunto do primeiro texto, mas de maneira mais elucidativa (ou didática), como se estivesse respondendo a três perguntas pertinentes ao assunto (*Para que fomos à Lua, por que não voltamos e por que ir novamente à Lua*) e, provavelmente, voltadas ao leitor mais jovem, que não acompanhou a primeira fase do programa espacial. Ele é dividido em três partes menores, cada uma relacionada à questão em foco.

No entanto, uma análise dos Temas demonstra que a preocupação foi “empacotar” informação em pouco espaço. Uma evidência disso é que quase não há o que Berry (1989) chamou *continuação de tópico*, mas somente *desenvolvimento de tópico*, ou seja, quando cada Tema introduz uma informação nova, mesmo que seja relacionada ao Tópico do texto: “*Para que*”, “*O principal objetivo dos americanos nas seis missões Apollo*”, “*Depois de estudarem as condições lunares nas primeiras missões*”, “*A tripulação da Apollo 14*”, “*A da Apollo 15*”, “*Galileu*”, “*Astronautas*”, “*As três outras missões programadas*”, entre outros. Outra evidência está no uso de grupos nominais longos e orações como Tema como em alguns dos exemplos acima.

A informação que “*o objetivo (...) foi suplantando a União Soviética*” já havia aparecido no texto introdutório, assim como a menção aos gastos, ao desinteresse por parte do público, ao interesse do Presidente Bush em garantir a supremacia americana, à defesa em relação a aprender a viver fora da Terra. A questão é, então, por que este texto foi incluído no artigo? Uma possível resposta é sugerida com base num estudo feito por Dionísio (2004), em que a autora procurou verificar como as pessoas interagem com textos que contém *infográficos* e que mostrou que o comportamento dos leitores foi diferente.

---

<sup>3</sup> Segundo Kress & Van Leeuwen (1996), vetores realizam nas imagens o que os verbos de ‘ação’ representam na linguagem verbal (p.44).

Entre outras observações, a autora nota que, enquanto adultos priorizaram o texto verbal e rejeitaram textos com novos *layouts*, adolescentes partiram do visual para o verbal e crianças selecionaram textos verbais de acordo com os visuais (2004:171). Assim, os vários textos do artigo teriam audiência diferente.

*Texto 4:*

Finalmente, o quarto texto acompanha a foto do cientista precursor do programa espacial e faz uma breve explicação de sua atuação na primeira fase do projeto e sua tese, já naquela época, de utilizar a tecnologia só agora posta em prática. Os Temas marcados por circunstâncias (*Sob pressão da Guerra Fria; Agora*) indicam a passagem do tempo.

A inclusão deste texto é, a primeira vista, quase desnecessária, uma vez que só tem alguma relação com o *infográfico* e quase nenhuma com os outros textos. Acredito, porém, que uma análise da composição toda vai fornecer elementos para compreender esta escolha por parte do autor. A inclusão da foto pode ser vista como recurso para dar veracidade ao texto, apesar do tom ficcional pretendido no início.

## CONCLUSÃO

Como foi possível perceber pela análise feita, a tematização seguiu um padrão através do qual foi possível identificar o tópico dos textos. Este padrão caracterizaria, segundo Brown & Yule (1983), a *tematização baseada em tópicos* (“topic-based thematization”), mais frequente em textos informativos, em oposição à *tematização interacional* (“interactional thematization”), típica de textos conversacionais e de opinião, onde é o autor/falante que aparece tematizado. Para Martin (1986), diferentes gêneros requerem um, outro ou ambos os tipos de tematização, dependendo do objetivo do texto e como o autor quer se posicionar. Enquanto a tematização baseada em tópicos prioriza clareza e economia na leitura, a tematização interacional humaniza o texto (Berry, 1989:65-66).

Um olhar sobre os textos verbais, assim como sobre a composição verbal/visual do artigo, chama a atenção para alguns pontos que podem levar às intenções do autor ao projetar o texto e refletem o contexto cultural atual.

O título da matéria “*Conquista da Lua, Parte II*” remete ao título de um filme de ficção científica. Embora na superfície do texto todo não haja claramente um julgamento político, o autor deixa implícito, através desta abordagem, que as decisões do governo americano estão fora da realidade que o “momento político” (guerra, furacões) retrata. Por outro lado, esse tratamento sugere outras intenções, do ponto de vista da composição gráfica. O fato de ser Parte II pressupõe que a primeira parte é conhecida de grande parte dos leitores, mas a abordagem como obra de ficção pode atrair leitores mais jovens, através do foco no texto visual, onde o leitor sente-se na superfície da Lua e a Terra é vista de longe. Além disso, a leitura do *infográfico* é mais fácil e este está em evidência na composição, na posição de informação nova. Se tomarmos os conceitos de *Tema/Rema* e *Dado/Novo* para aplicar à composição visual do texto, o título, junto com o texto à esquerda, é o Tema/Dado, e o *infográfico* é o Rema/Novo, na verdade, em saliência, no centro das duas páginas. O terceiro texto, à direita, retoma vários tópicos tematizados no primeiro texto e parece oferecer uma alternativa para uma leitura mais rápida, já que, como sugerido anteriormente, leitores reagem de maneira diferente a textos com vários modos semióticos. A inclusão de um quarto texto quase sem conexão leva a crer que o autor tentou garantir no texto impresso as possibilidades de um *site*, recurso possível somente na Internet. Uma indicação ao final do primeiro texto para mais informação “em profundidade” no *site* da revista parecem confirmar essa hipótese. Esta constatação reflete as mudanças nos modos de comunicação que exigem outras habilidades no processo de leitura, bem como aponta para a influência que as novas tecnologias exercem sobre a produção de textos, determinando novos *layouts* e exigindo do autor/produtor, bem como do leitor, novos tipos de letramento.

A leitura e análise de Textos Multimodais como este pode ser um recurso importante na sala de aula de Língua Portuguesa e uma ferramenta para verificar como os alunos reagem a textos que combinam o verbal e o visual. Como sugestão de atividades, a análise crítica do texto pode auxiliar o aluno a perceber a intenção do autor e discutir em classe, exercitando, assim, a capacidade de argumentação. Em atividades de escrita, ele pode, através do estudo da organização temática e composição verbal/visual, reescrever os textos e criar outros, sobre assunto de seu interesse. O professor pode, ainda, levá-lo a

perceber como as orações fluem num determinado texto de maneira a auxiliar o aluno a, segundo Fries (1997), tomar consciência da sua própria escrita.

## REFERÊNCIAS

- Berry, M. (1989). Thematic options and success in writing. In *Language & literature – Theory and practice. A tribute to Walter Grauberg*. University of Nottingham.
- Butt, D., Fahey, R., Spinks, S., Yallop, C. (1995). *Using functional grammar: An explorer's guide*. National Centre for English Language Teaching and Research. Sydney: Claredon Printing.
- Dionísio, A. P. (2005). Gêneros multimodais e multiletramento. In A. Karwoski, B. Gaydeczka & K. Brito (orgs.) *Gêneros textuais: Reflexões e ensino*. Palmas e União da Vitória, Pr.: Kaygangue.
- Fries, P. (1995). Patterns of information in initial position in English. In P. Fries & M. Gregory (eds.) *Discourse in society: Systemic functional perspectives* 47-66. Norwood N J: Ablex.
- \_\_\_\_\_. (1997). Theme and new in written English. In T. Miller (ed.) *Functional approaches to classroom discourse*. Washington, DC: USIS.
- Gouveia, C. & Barbara, L. (2004). Marked or unmarked, that is not the question, the question is: Where is the Theme? *Ilha do desterro*, 46. (Special Issue: “Systemic Functional Linguistics in Action”)
- Halliday, M.A.K. (1994). *An introduction to functional grammar*. 2<sup>nd</sup>. ed. London: Edward Arnold.
- \_\_\_\_\_. & Hasan, R. (1989). *Language, context, and text: Aspects of language in a social-semiotic perspective*. Oxford: Oxford University Press.
- Hawad, H. (2002). *Tema, sujeito e agente: A voz passiva em perspectiva sistêmico-funcional*. Tese de doutorado inédita, PUC-Rio.
- Kress, G. & Van Leeuwen, T. (1996). *Reading images: The grammar of visual design*. London: Routledge.
- Moraes, A. (1998). *Infografia – O Design da notícia*. Dissertação de mestrado inédita, PUC-Rio.
- Neves, M.H.M. (1997). *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes.
- Ravelli, L. (2000). Getting started with functional analysis of texts. In L. Unsworth (ed.) *Researching language in schools and communities – Functional linguistics perspectives*. London and Washington: Cassell.

# Anexo 1

# Espaço

# CONQUISTA DA LUA, PARTE II

**EUA anunciam novas viagens tripuladas ao satélite. A pergunta é: Para que fazer isso?**

**Theresa Venturoli**

**O**s Estados Unidos anunciam na semana passada uma nova etapa de seu programa espacial. Ele prevê uma série de viagens tripuladas à Lua a partir de 2018, as primeiras desde o fim do projeto Apollo, há 33 anos. O objetivo das futuras missões é construir uma base lunar, um laboratório que permita ao homem aprender a viver fora de seu planeta, explorar os recursos naturais da Lua e utilizá-la como ponto de apoio para uma futura viagem a Marte. Além disso, a nação quer levar astronautas e mantimentos por um ano à Estação Espacial Internacional. No início do ano passado, em campanha pela reeleição, o presidente George W. Bush já anunciara as bases gerais do projeto, deixando claro que o considera estratégico para a presença americana no espaço e para a própria supremacia dos EUA.

Em 1961, quando voos tripulados à Lua só existiam na ficção científica, um outro presidente americano, John Kennedy, foi aos microfones para falar de viagens espaciais. "Acredito que esta nação deve se comprometer com o objetivo de, até o fim da década, mandar um homem à Lua e trazê-lo de volta em segurança", disse. O discurso de Kennedy tocou fundo no coração dos americanos. Viviam-se os anos da Guerra Fria e os Estados Unidos travavam uma acrida corrida espacial com a União Soviética — com grande risco de perder-lá. A vitória do presidente tinha a moedez das palavras de um general que conclamava seus soldados em nome da pátria. Oito anos depois, os astronautas da Apollo 11, pousaram em solo lunar.

Agenda, o anúncio de novas viagens tripuladas à Lua teve um efeito bem diverso. A reação de uma parte significativa da comunidade científica foi perguntar: Para que voltar à Lua? Os robôs espaciais, boje, são capazes de fazer praticamente todas as pesquisas e análises que antes dependiam da presença física de astronautas. Os créditos se espantam também com o custo do projeto anunciado pela Nasa: 104 bilhões de dólares. Há quem considere uma loucura investir tanto numa aventura espacial em meio às enormes despesas que representam para os EUA a guerra no Iraque e a reconstrução das regiões devastadas pelo furacão Katrina. "Com os recursos tecnológicos de que dispomos, não tem cabimento gastar tanto dinheiro para colocar vidas humanas em risco", disse a VEJA o físico americano Robert Park, da Universidade de Maryland, diretor da Sociedade Física Americana. Além do mais, a Nasa tem a tradição de estourar orçamentos.

Há defensores de novos voos tripulados que alegam que a construção de uma base terráquea na Lua pode ser estratégica, sim, mas para a espécie humana. "Precisamos aprender a viver no espaço porque o histórico das espécies na Terra sempre aponta para sua extinção", disse a VEJA o geólogo Paul Spudis, da Universidade Johns Hopkins, coordenador da missão da sonda Clementine, que em 1994 sobreviveu a Lua e mapeou sua superfície. "A presença do ser humano em outros corpos celestes é a garantia de sua sobrevivência caso a Terra seja destruída por uma catástrofe natural", ele completa. Seja como for, dificilmente as próximas missões tripuladas mobilizarão a emoção pública comum nos anos 60. O momento político é outro, e, acima de tudo, ninguém mais parece ligar para as paisagens poeirentas e estérteis do satélite terrestre.

**VEJA** Leis e em profundidade: Experimento do espaço em OR-LINE [www.veja.com.br](http://www.veja.com.br)

**COMO SERÁ A PRÓXIMA VIAGEM À LUA**

- 1** Um foguete semelhante aos usados pelos ônibus espaciais leva o módulo de pouso até a órbita da Terra
- 2** Em órbita da Terra, a cápsula e o módulo de pouso se acoplam e seguem viagem rumo à Lua
- 3** Três dias depois, os quatro astronautas chegam à Lua, a bordo do módulo de pouso. A cápsula usada na viagem permanece em órbita
- 4** Para a volta, os astronautas acionam os foguetes do módulo de pouso, até encontrar a cápsula
- 5** A cápsula mergulha na atmosfera terrestre. Na etapa final de chugada, é desacelerada por paraquedas, e aliagis amortecem o choque em terra ou no mar

**PARA QUE FOMOS À LUA**

O principal objetivo dos americanos nas seis missões Apollo tripuladas foi suplantá-la União Soviética na corrida espacial. Depois de estudarem as condições lunares nas primeiras missões, os astronautas pouco tinham a fazer na Lua. A tripulação da Apollo 14 jogou golfe. A da Apollo 15 proveu que um marfido e uma pena largados da mesma altura atingem o chão ao mesmo tempo. Galileu já demonstrara esse fenômeno quatro séculos antes.

**■ POR QUE NÃO VOLTAMOS MAIS À LUA**

Astronautas pisaram na Lua pela última vez em 1972, a bordo da Apollo 17. As três outras missões programadas — Apollo 18, 19 e 20 — foram canceladas. Primeiro, porque a competição com a União Soviética já estava ganha. Segundo, porque o cenário cinento da Lua já não interessava tanto ao público. Terceiro, porque o orçamento da Nasa começou a sofrer cortes em razão de outras prioridades do governo, como a Guerra do Vietnã.

**■ POR QUE IR À LUA NOVAMENTE**

O presidente Bush acha que a instalação de uma base lunar é uma maneira estratégica para testar a supremacia dos Estados Unidos. A base servirá para o homem aprender a viver fora de seu planeta, a abrigar laboratórios de exploração de hidrognio, e poderá ser um trampolim para Marte e outros planetas. Para os críticos, o projeto não se justifica. O orçamento do programa custaria 104 bilhões de dólares.

**O REDIMIDO**

Sob pressão da Guerra Fria, o engenheiro Werner von Braun (1912-1977), o pai do programa espacial americano, criou o projeto Apollo, ao qual um só foguete levava a cápsula com os astronautas e o módulo de pouso lunar. Von Braun já defendia a tese de que a melhor alternativa técnica era enviar as diferentes partes da nave em foguetes separados e depois juntá-las no espaço. Agora, a história faz jus à sua visão

**PHOTO MASA & AP**

## **A AUTORA**

Vera Lucia Carvalho Grade Selvatici é doutoranda em Estudos da Linguagem na PUC-Rio. Seus interesses de pesquisa incluem multimodalidade e ensino de escrita em Inglês-Língua Estrangeira.  
E-mail: verasel2@oi.com.br.